

**BRAIT, BETH. *A PERSONAGEM*. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2017. 176P.**

Anderson Silva<sup>1</sup>

Em meados de 2017, a obra de referência *A personagem* (BRAIT, 2017) foi relançado pela Editora Contexto. Fazendo um percurso histórico do livro, a primeira edição foi realizada, em 1985, pela Editora Brasiliense, dentro da coleção *Primeiros Passos*. Após inúmeras edições, o que atesta seu valor e colaboração para os estudos dessa temática dentro do meio acadêmico, agora essa publicação vem a público em novo enunciado concreto, em uma nova editora, trazendo sua estrutura básica, mas, ao mesmo tempo, com novidades e acréscimos, filtrada por um olhar ainda mais maduro e aprofundado da autora, por meio das lentes bakhtinianas, fruto dos seus anos de estudos pela vertente dialógica da linguagem.

Em termos estruturais, o livro possui, além de um prefácio claro e didático, quatro capítulos: 1º - *O faz de conta das personagens* (pp. 15-36); 2º - *A personagem e a tradição crítica* (pp. 37-72); 3º - *A construção da personagem* (pp. 73-92); 4º - *De onde vêm esses seres?* (pp. 93-164). Ademais, o final da publicação traz também um *Vocabulário Crítico* (pp. 165-166), *Bibliografia Comentada* (pp. 167-172) e a *biografia da autora* (p. 173). Em síntese, vê-se que na primeira parte do livro, o leitor encontrará um aprofundamento teórico a respeito do conceito de personagem, bem como outros conceitos que auxiliarão a entender a temática de uma maneira didática; já na segunda parte, o interlocutor verá um panorama de diversos autores consagrados sobre a maneira como cada um constrói suas personagens. Arrematando o trabalho, a capa, com foto de *Jaime Pinsky* e montagem e diagramação de Gustavo S. Vilas Boas, é um elemento que constitui um cartão de visita para a (re)leitura dessa edição. Em uma espécie de cena poética, a foto da capa revela um entardecer com tons alaranjados, configurando como pano de fundo para os detalhes que descortinam, como: a lua, uma personagem pescando vista por trás e um cachorro a acompanhando aos seus pés. Esta cena enunciativa é o primeiro atrativo, como elemento de persuasão utilizando os recursos da verbo-visualidade, em que os elementos se unem para conquistar o interesse dos seus interlocutores.

No primeiro capítulo, segundo a autora, manteve-se praticamente sem alterações em comparação às edições anteriores, cuja temática adentra as peculiaridades e diferenças entre as

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - SEE-SP/PUC-SP.

personagens ficcionais e as pessoas. Dentro das reflexões iniciais, vê-se a definição de personagem em um dicionário impresso e *online*, ampliando a compreensão dos leitores. Usando como exemplo a personagem *Sherlock Holmes* do escritor *Arthur Conan Doyle*, Brait (2017) assevera sobre a confusão que muitas pessoas têm em distinguir a realidade da ficção, chegando a acreditar que muitos ícones da literatura universal realmente existiram, foram sujeitos de carne e osso. No caso dessa personagem, por conta de se tornado tão famosa, houve o lançamento de diversos filmes e até seriados e muitas pessoas acabam viajando para o Reino Unido em busca do endereço da personagem que nunca existiu de fato.

Como uma espécie de fórmula química, acreditamos que certos autores compõem suas personagens com peculiaridades específicas que acabam despertando a empatia de milhares de leitores, ganhando *status* de *best-sellers*. Para tanto, nesta obra é possível perceber alguns dos caminhos utilizados por esses autores consagrados, corroborando para o aumento da criticidade dos leitores. De acordo com a autora, “ao discutir a questão personagem-pessoa, os autores procuram salientar dois aspectos fundamentais: a) o problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico-artístico, pois a personagem não existe fora das palavras; b) as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias de ficção (BRAIT, 2017, p. 19). Com isso, entre as várias justificativas dessa nova edição, vê-se a necessidade de um estudo teórico mais aprofundado, motivo pelo qual essa obra contribui para o entendimento mais profícuo da temática.

Na continuidade das discussões, vê-se a reflexão a respeito da reprodução e invenção de uma realidade ficcional que pode criar uma intimidade entre personagens e interlocutores. Neste trecho do livro, chama-nos a atenção a utilização de retratos para ilustrar a tentativa das pessoas em reproduzir a realidade. Para tanto, a autora utiliza fotos tratadas 3x4 do arquivo pessoal; ademais, utiliza também outras fotografias pessoais trabalhadas, bem como fotografias utilizadas pela publicidade. De uma maneira sucinta e traçando um paralelo com o mundo ficcional para construção das personagens, vê-se que diversos elementos colaboram para uma representação da realidade, que muitas vezes está aliada aos interesses dos criadores, como acontece em uma fotografia utilizada pela publicidade em que o enquadramento, ângulo, luz, expressão são minuciosamente estudados para compor a cena enunciativa. Dessa forma, “o fotógrafo não registra uma imagem. Ele cria uma imagem. Seu ponto de partida e seus instrumentos são trabalhados para criar a ilusão do real” (BRAIT, 2017, p. 24). Em outro exemplo, a autora utiliza fragmentos do romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia. Nesses trechos,

o leitor compreende a personagem através dos olhos do autor, sendo enveredado pelas tramas enunciativas criadas por meio do processo de criação literária.

No segundo capítulo, observa-se a discussão a respeito da personagem e a tradição crítica. Para tanto, há um regresso à Grécia antiga a partir das reflexões teóricas de Aristóteles. O pensador grego, ao estudar os textos líricos, épicos e dramáticos, trouxe a gênese ocidental para o conceito de personagem. “Aristóteles aponta, entre outras coisas, para dois aspectos essenciais: a personagem como reflexo da pessoa humana; a personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto” (BRAIT, 2017, p. 38).

Perseguindo a gênese sobre o conceito de personagem, Brait assevera que os estudos aristotélicos a respeito da temática serviram de modelo até meados do século XVIII, sendo que tomou novos ares a partir dos séculos XVIII e XIX. “A partir da segunda metade do século XVIII, a concepção de personagem herdada de Aristóteles e Horácio entra em declínio, sendo substituída por uma visão psicologizante que entende personagem como a representação do universo psicológico de seu criador” (BRAIT, 2017, p. 47). Sob as novas ideias do século XX, o conceito de personagem começa a ser mais aprofundado, sendo relacionado a diversos conceitos, dos quais destacamos os três tipos de personagens denominados por Philippe Hamon: (a) personagens referenciais; (b) personagens *embrayeurs*; (c) personagens anáforas. Dando um salto histórico, a autora traz como exemplo o filme *Indiana Jones e o templo da perdição*, dirigido por Steven Spielberg. Nessa espécie de contraponto, é possível verificar que esse conceito engendrado nos tempos aristotélicos pode ser observado em obras contemporâneas.

No terceiro capítulo, a autora trata especificamente a respeito da construção das personagens, atentando aos recursos utilizados por meio da linguagem para o engendramento da trama literária. Nessa etapa, vê-se um aprofundamento teórico que contribui para ampliação do conceito de personagem, em que há o acréscimo das classificações de *narrador em terceira pessoa* e em *primeira pessoa*. Além disso, há também uma reflexão que leva o leitor a concluir que “a construção de uma personagem, o conjunto dos traços que compõem a sua totalidade, permite inúmeras leituras, dependendo da perspectiva assumida pelo leitor, assim como das linguagens e das singularidades estilísticas utilizadas em determinados momentos para a viabilização dessas leituras, isso não significa que a dimensão da personagem seja ditada unicamente pela capacidade de análise e interpretação do leitor” (BRAIT, 2017, pp. 89-90).

No quarto capítulo, que compreende a maior parte da obra, diversos escritores responderam a seguinte pergunta: De onde vêm esses seres? Ao todo, segundo a autora, dos doze autores convidados na primeira versão, foram acrescentados mais catorze novos escritores

contemporâneos que adicionaram seus pontos de vista a partir da questão lançada. Entre os convidados que abrilhantaram o livro, estão nomes como: Ignácio de Loyola Brandão, Lya Luft, Lygia Fagundes Telles, Marcos Rey, Moacyr Scliar.

Na parte final do livro, com algumas alterações, encontra-se o “Vocabulário crítico” e a “Bibliografia comentada”, que arrematam esta nova edição. Essa parte permite ao leitor um entendimento mais consistente dos escritos, bem como o aprofundamento de novas leituras para a apreensão do conceito de personagem.

A partir das próprias palavras da autora, esta obra é o começo de uma curiosa viagem. Dessa forma, a nova publicação de *A personagem* (BRAIT, 2017) desperta o interesse de quem nunca leu (ou leu a versão anterior), pois além de todas as novidades e revisões, o leitor encontrará o olhar sofisticado e aprimorado de Brait, que ao longo das décadas aprofundou sua experiência acadêmica, tornando-se uma das maiores especialistas mundiais em estudos bakhtinianos.

Assumindo uma postura até certo ponto didática e correndo os riscos fatais que essa postura pode acarretar, a obra procura adequar-se às necessidades dos leitores que não são especialistas, mas candidatos a, simulando o isolamento da questão personagem e flagrando esses habitantes da ficção no seu espaço de existência: o texto. Aqui, é preciso, de imediato, um esclarecimento, isto é, a palavra texto cobre duas manifestações de naturezas diferentes: o texto literário, artístico, a ficção literária, a prosa de ficção que materializa esses seres, e o texto crítico, que, com seus instrumentos específicos, persegue a complexa natureza dessas incríveis criaturas (BRAIT, 2017, p. 11).

Em consonância com as palavras da autora, recomenda-se a leitura desta obra pelo seu caráter didático, uma vez que é um modo de ampliar o conhecimento dos interessados pela temática, servindo como uma fonte bibliográfica de qualidade. Ademais, o livro cumpre sua função em esclarecer a complexidade que é a criação de uma personagem, fato comprovado pelo depoimento dos diversos autores que estruturam a obra.

---

Recebido em: 23/03/18.

Aceito em: 28/08/18.